

A DINÂMICA ONTOLÓGICA COMO MOVIMENTO DO EM SI ÔNTICO

Paolo Zenorini¹

Resumo: Na nossa existência percebemos um movimento interior contínuo e dinâmico, chamamos ele de muitos modos, “diálogo interior”, “quero ficar comigo mesmo”, “o Em Si profundo” etc., com grande risco de ler uma dicotomia interior. Mas como flui a minha interioridade? Como consigo permanecer uno e ao mesmo tempo compreender a mim mesmo, o ambiente no qual estou imerso, a minha história e a direção que quero dar à minha existência? Este artigo quer investigar exatamente estas passagens para poder conscientizar o leitor da maravilha que somos e de como é possível conhecer a própria autóctise histórica com evidência. Não obstante, este artigo não pretende ser exaustivo, seria impossível em poucas linhas resumir um saber tão amplo, mas quer suscitar a curiosidade do leitor por meio de algumas passagens ontológicas basilares, para que possa ele mesmo investigar a própria interioridade: a investigação de mim, em alguma medida, é a investigação do todo. A comunicação ontológica, a possibilidade ontológica, dizem a grandeza da dignidade humana, qualquer redução é afastar-se desta possibilidade, é negar o próprio bem. Para compreender o homem não podemos partir do passado nem do futuro (evolução biológica, social, cultural), mas do presente. “*Anima est quodammodo omnia*”, o espírito do homem é, de algum modo, tudo.

Palavras-chave: Ontopsicologia; Filosofia; ontologia.

Ontological dynamics as movement of the ontic In-Itself

Abstract: In our existence we perceive a continuous and dynamic inner movement, we call it in many ways, “inner dialogue”, “I want to be with myself”, “the deep Self” etc., with a great risk of reading an inner dichotomy. But how does my interiority flow? How can I remain one and at the same time understand myself, the environment in which I am immersed, my history and the direction I want to give to my existence? This article wants to investigate exactly these passages in order to make the reader aware of the wonder that we are and how it is possible to know one's own historical autoctysis with evidence. However, this article does not intend to be exhaustive, it would be impossible in a few lines to summarize such extensive knowledge, but it wants to arouse the reader's curiosity through some basic ontological passages, so that he can investigate his own interiority: the investigation of myself, to some extent, is the investigation of the whole. Ontological communication, ontological possibility, say the greatness of human dignity, any reduction is to move away from this possibility, it is to deny one's own good. To understand man, we cannot start from the past or the future (biological, social, cultural evolution), but from the present. “*Anima est quodammodo omnia*”, the spirit of man is, in some way, everything.

Keywords: Ontopsychology; Philosophy; ontology.

La dinámica ontológica como movimiento del En Sí óntico

Resumen: En nuestra existencia percibimos un movimiento interior continuo y dinámico, lo llamamos de muchas maneras, “diálogo interior”, “quiero estar conmigo mismo”, “el En Sí profundo”, etc., con gran riesgo de leer una dicotomía interior. Pero ¿cómo fluye mi interioridad? ¿Cómo puedo seguir siendo uno y al mismo tiempo comprenderme a mí mismo, el entorno en el que estoy inmerso, mi historia y el rumbo que quiero darle a mi existencia? Este artículo quiere investigar exactamente estos pasajes para concienciar al lector de la maravilla que somos y de cómo es posible conocer con evidencia la propia autoctisis histórica. Sin embargo, este artículo no pretende ser exhaustivo, sería imposible en unas líneas resumir un conocimiento tan amplio, pero sí quiere despertar la curiosidad del lector a través de algunos pasajes ontológicos básicos, para que pueda indagar en su propia interioridad: la investigación de mí mismo, en cierta medida, es la investigación del todo. Comunicación ontológica, posibilidad ontológica, dice la grandeza de la dignidad humana, cualquier reducción es alejarse de esta posibilidad, es negar el propio bien. Para comprender al hombre no podemos partir del pasado ni del futuro (evolución biológica, social, cultural), sino del presente. “*Anima est quodammodo omnia*”, el espíritu del hombre lo es, de algún modo, todo.

Palabras clave: Ontopsicología; Filosofía; ontología.

¹ Doutor em Filosofia e Teologia pela Universidade de Viena (Áustria) e pela Università Antonianum di Roma (Itália). Professor na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: paolo.zenorini@gmail.com

Na nossa existência percebemos um movimento interior contínuo e dinâmico, chamamos ele de muitos modos, “diálogo interior”, “quero ficar comigo mesmo”, “o Em Si profundo” etc., com grande risco de ler uma dicotomia interior. O movimento interior é sempre uno, eu sou sempre uno, no momento em que, mesmo que remotamente, percebemos um dois, se apresenta o problema. Mas como flui a minha interioridade? Como consigo permanecer uno e ao mesmo tempo compreender a mim mesmo, o ambiente no qual estou imerso, a minha história e a direção que quero dar à minha existência?

Este artigo quer investigar exatamente estas passagens para poder conscientizar o leitor da maravilha que somos e de como é possível conhecer a própria autóctise histórica com evidência.

Tudo começa com uma atividade psíquica pura, “é movimento sem objeto, ação pura, absoluta sinergia consigo mesma, sem variações, sem antes ou depois: é atualidade constante e unívoca”². No interior deste movimento não pode haver repetição, está fora do espaço e do tempo, mas do mesmo modo atual. O ser enquanto desejado faz sair da compreensão neutral do ser e coloca as bases do exercício da racionalidade não como autonomia do sujeito pensante, mas como homenagem à liberdade criativa do próprio ser, visto que tal abertura é justamente a característica essencial do ser. Aqui se abre o sentido da liberdade criativa sem se impor com um *modus definitivus*, *divisivus*. O primado da razão objetivante, frequentemente divulgando como certeza, é colocado em crise,

aquele aspecto é reservado à razão consciente, hermenêutica, não ao ato puro³.

Giovanni Duns Scotus radicaliza a característica voluntária e libertária do ser que é colocada em oposição à metafísica do *logos* marcada pela necessidade. Neste sentido, não é rejeição da racionalidade, mas se o núcleo ontológico se subtrai ao rigor da lógica, isso não é porque ele é ilógico, mas *metalógico*. A razão não é em si negativa, mas neste primeiro ato deve ser transcendida porque não colhe o ser enquanto desejado e não é capaz de realizar tal operação de autotranscendência. É justamente o ser enquanto desejado e, portanto, contingente, a adquirir toda a sua espessura ontológica. Nesse sentido, é o *ens in quantum ens* o sujeito da metafísica e o objeto adequado do intelecto, que diz a *quidditatem entis*, a univocidade do ser, e que, portanto, é diferente do *ens* que participa do *actus essendi* de Tomás⁴.

Do ato puro, “a pura atividade da mente passa a um desenho que começa a fazer projeção, distinto, diverso, para ter um lugar matemático (não lugar físico), isto é, a exigência lógica de formalização, presenciar um signo que permaneça distinto da mente em si”⁵. A vontade do acontecer, de afirmar e garantir a liberdade e a alteridade como conteúdo ontológico. A matéria, una desde o princípio no ato humano, “o que tem relação com a possibilidade, com a potência, com a pregnância, ou seja, aquilo que funda e consente a mudança, a alternância das formas,

² MENEGETTI, A. **A imagem alfabeto da energia**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2016. p. 226.

³ Liber II. Sententiarum (em Opera theologica selecta, vol. II, Ex Typographia Collegii S. Bonaventurae, Quaracchi [Florença] 1938), dist. III, inciso I, art. I, q. I, co.

⁴ Ordinatio o Opus Oxoniense (texto revisado por Duns Scotus da Lectura, livros 1 e 2, verão 1300-1302, livros 3 e 4, 1303-4).

⁵ MENEGETTI, A. **A imagem alfabeto da energia**. op. cit. p. 227.

o suceder de uma nova e diversa atualidade – em outros termos (...) aquilo que atua como sujeito e substrato”⁶.

A possibilidade coloca uma decisão fora, mesmo eu permanecendo “intacto”⁷ dentro de mim. Neste movimento é formalizada a ação, se assinala o efeito como deve acontecer, ainda não acontecido, mas já pleno no seu acontecer. Deve ser considerado o ente em si que não é a mesma atualidade do próprio ser, portanto, nele o ser se soma ao ente (à quididade que é); depois, esta quididade se compõe, de *quo est* e *quod est*; e por fim, em cada indivíduo o *quod est* se compõe, ou seja, se particulariza, na individualidade última, que é dotado de personalidade, é propriamente um “quem”. Esse “quem” permite a formalização, assinala⁸.

Nunca é demais salientar que o movimento que estamos descrevendo não deve ser lido com sentido cronológico no tempo, ele acontece *ab tempo*, mas ao mesmo tempo *ex tempore*. Solidamente no interior do sujeito e, portanto, perfeitamente aqui e agora, mas exatamente naquele aqui e agora, e apenas naquele instante, fora das ligações do tempo.

“Portanto, a mente, a partir do seu ser, intenciona-se através do signo para repetir *ad extra* uma volição interna e constitui o objeto.”⁹ Esta passagem nos permite compreender como cada singular indivíduo é

capaz¹⁰ de um sinal da vida, é capaz da sua realização. Quando ouço que as pessoas “perderam a esperança”, elas simplesmente não compreenderam a própria ontológica realidade. Não há nada para esperar, simplesmente a natureza predispõe o homem a essa capacidade. Obviamente, na liberdade do devir pode negá-la, escrevendo com as próprias mãos a história da sua infelicidade, mas se sozinho retorna ao ponto de si, sozinho se volta a ser o Em Si ôntico que é, o problema se dissolve.

Este ponto havia sido investigado, mesmo se não ainda com a mesma consciência, por Duns Scotus, e inclusive, séculos depois, em Leibniz: o indivíduo último, a nível substancial, não é o *hic et nunc*, mas sim o substrato invariante a partir do qual se faz depender a continuidade e a interconexão de todas as condições transitórias e, portanto, no seu *hic et nunc* se manifesta como capacidade de compreensão do todo. Portanto, a substância continua ainda, de qualquer modo, a transcender a particularidade. Para Scotus, a *haecceitas* faz de um homem Sócrates, o torna capaz de, é o ponto que principia o sinal, não ainda sinal assinalado¹¹.

A este ponto no ato do conhecimento, acontece algo que varia, o objeto já precipitou, já se verificou uma passagem de energia. “Quando a emoção acontece já estamos na

⁶ ESPOSITO, C.; PORRO, P. **La materia** (“Quaestio” X [2007]), Brepols-Pagina, 2008. p. 83.

⁷ MENEGHETTI, A. **A imagem alfabeto da energia**. op. cit. p. 227.

⁸ “*Habet considerari ut ens in se; et sic quantum ad esse actuale est in ipso compositio entis et esse, quantum ad esse essentiale ex ‘quo est’ et ‘quod est’, quantum ad esse individuale sive personale sic ‘quod est’ et ‘quis est’*” (Liber II. Sententiarum (em Opera theologica selecta, vol. II, Ex Typographia Collegii S. Bonaventurae, Quaracchi [Florença] 1938), dist. III, pars I, art. I, q. I, co.).

⁹ MENEGHETTI, A. **A imagem alfabeto da energia**. op. cit. p. 228.

¹⁰ Do latim *capax -acis* “ato a conter”, derivação de *capere* no sentido de “conter” – ato a conter.

¹¹ Boaventura, aliás, diz isso claramente, propriamente contestando a opinião segundo a qual a criatura seria individuada pela forma: “*Omnis forma creata, quantum est de sui natura, nata [est] habere aliam simile*”; por isso, é o *existere* da criatura individual (correlato à matéria) que particulariza o *esse* (correlato, ao invés, à forma): “*Individuum (...) habet esse, habet etiam existere. Existere dat materia formae, sed essendi actum dat forma materiae*” (aqui por *esse* se entende a essência específica). (In Sent II, dist. III, pars I, art. II, q. III, co).

ordem do conhecimento normal.”¹² Nesse sentido remeto à leitura do texto do professor Antonio Meneghetti para compreender a parte fenomenológica. A nós resta compreender: o que é comunicado ontologicamente? Que possibilidade temos de tal compreensão?

Agora podemos compreender plenamente o significado da onipresença da matéria-potência. Com ela se estabelece que em nenhuma criatura as condições concretas de existência são jamais tais a exaurir todas as potencialidades da espécie; em todas, a atualidade é necessariamente mesclada de possibilidades não realizadas. É isso que Boaventura quer afirmar quando diz que em cada criatura há necessariamente composição de *quo est* (onde é) e *quod est* (isto é): isto significa que, em cada criatura, o primeiro termo desses dois pares está particularizado no segundo. A essência indica a realidade comunicável por *modum abstractionis* (no caso de um ser humano, a sua essência é a *humanitas* [para a Ontopsicologia, constante H]); a substância, a realidade comunicável por *modum concretionis* (*homo*); a hipóstase, por fim, a realidade incomunicável *aliquis homo*. O ponto mais interessante é a caracterização da *substantia*: dado que aqui ela é definida por *modum concretionis*, se poderia pensar que ela indique o indivíduo. Mas na realidade não é assim, porque o indivíduo não seria *communicabilis*, como, ao invés, se diz da *substantia*: quando se fala de *concretio* contraposto ao *abstractio*, portanto, aqui não se fala em sentido lógico (também a *substantia* é um universal, portanto, logicamente é abstrata). Fala-se de um outro tipo de abstração, o princípio real de individuação (esta matéria, que define este *quod est*). Ou

seja: a natureza universal da criatura consiste precisamente no ser uma forma, um *quo est* (*essentia*), contraído em algum *quod est*: portanto a *substantia* (que é a natureza abstrata do indivíduo) é por sua vez intrinsecamente composta (de *quo est* e *quod est*)¹³.

Dou-me conta que as passagens ontológicas não sejam de tão fácil compreensão, mas o quanto afirmado por Boaventura no *Breviloquim* coloca as bases para a compreensão da Ontopsicologia como ciência eminentemente ontológica. A comunicabilidade do ser não está no sujeito (se assim fosse estaríamos condenados a nos perder em uma infinita subjetividade que iria repetir-se de tempos em tempos e de geração em geração), mas na *substantia*, no próprio ser, na forma do sujeito. O próprio sujeito, onde é e como é, é capaz do todo, não o contém, não o gera, não pode manejá-lo, mas é tocado por ele.

Se o signo que resulta dele permanece coerente com o ato puro, mesmo adquirindo um “*affectus*”¹⁴ chega a realizar o projeto e ao mesmo tempo realiza o sujeito que coloca em ato a ação. A realização não está nunca no espectador, está sempre em quem assinala a ação. É por isso que o professor Antonio

¹³ “*Necesse est (...) multipliciter significari substantiam, scilicet ut communicabilem et incommunicabilem. Ut communicabilem, per modum abstractionis per nomen essentiae, et per modum concretionis per nomen substantiae; ut incommunicabilem vero, vel ut distinguibilem per nomen hypostasis; vel ut distinctam per nomen personae. -Vel aliter, scilicet ut distinctam qualitercumque, et sic hypostasis; vel notabiliter et perfecte, et sic persona. -Exempla horum quatuor sunt in creatura: humanitas, homo, aliquis homo, Petrus; primum essentiam, secundum substantiam, tertium hypostasim, et quartum personam dicit.*” *Breviloquium*, em *Opera theologica selecta*, vol. V, Quaracchi [Florença] 1964, p. 1-175), I, 5, 4.

¹⁴ A adesão implica um *affectus*, enquanto a especulação o puro *intellectus*. A certeza da ciência é um fato puramente teórico, indubitável relativamente ao ato em curso.

¹² MENEGHETTI, A. A **imagem alfabeto da energia**. op. cit. p. 230.

Meneghetti pode afirmar com tranquilidade: “O acaso não existe, é somente o véu de ignorância da inteligência diante de causas exatas, precisas”¹⁵. A Ontopsicologia não confia em crenças ou na sorte, na sua base ontológica pode serenamente assentar-se sobre colunas fortes que lhe dão o impulso em direção à verdadeira essência da existência¹⁶.

¹⁵ MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015. p. 25.

¹⁶ Para quem deseja aprofundar: para Tomás de Aquino (para iniciar pelo nome mais célebre), se uno é o ente, uma deve ser também a sua formalidade: admitir uma matéria real e, portanto, admitir uma pluralidade de atos formais, significa destruir a unidade do ente: significa fazer dele uma concreção de entes substancialmente distintos e, portanto, passíveis de serem ordenados um ao outro, ao máximo, como o motor o é ao movido, e não como a forma o é à própria matéria. A matéria, portanto, é pura potência, e não tem nenhuma consistência independentemente da forma da qual representa o aspecto privativo. Se, por exemplo, a matéria dos corpos tivesse uma realidade positiva, então ela seria a última e única “forma complementar” das substâncias corpóreas, e toda a diferença das suas espécies seria reduzida a meras configurações acidentais. Para Tomás, portanto, pelo menos em campo físico, a afirmação da matéria-sujeito equivale fatalmente à afirmação do reducionismo materialista, sem possível meio-termo.

(Uma extensa exposição do atomismo se encontra, por exemplo, no início de *De causis et processu universitatis* de Alberto Magno (no qual é indicado como “*opinio Epicureorum*”): “*Primum Principium dicebant esse materiam, formas nihil esse dicentes nisi modos quosdam materiae resultantes ex ordine et compositione partium materiae. Ex his enim dicebant causari figuras et ex figuris motus, ex motibus autem vegetari, sentire et universaliter vivere; et ulterius in corporibus calidum, frigidum et humidum et siccum*” (Alberto Magno, *De causis et processu universitatis*, ed. W. Fauser, em *Opera Omnia*, t. XVII, pars II, Aschendorff, Monasterii Westfalorum [Münster] 1993, livro I, tratado. 1, capítulo 1. Quanto a Boaventura, ele às vezes faz referência aos “epicuristas”, mas apenas do ponto de vista moral. “Epicuristas” para ele são, essencialmente, aqueles que não reconhecem a vida futura e, portanto, limitam o fim do homem à existência terrena e ao gozo físico: “*Omnis error provenit aut ex improbo ausu investigationis philosophicae, aut ex perverso intellectu sacrae Scripturae, aut ex inordinato affectu carnalitatis humanae (...) Propter tertium proveniunt errores in Epicureis, qui dicunt, non esse aliam vitam nisi istam*” (*Collationes de decem praeceptis*, em *Opera Omnia*, vol. V, Ex Typographia Collegii S. Bonaventurae, Quaracchi [Florença] 1891 [p. 505-532], III, 5).

“A fidelidade ao meu ato de existir (*hic et nunc*) determina a plenitude sempre em crescimento, porque onde eu existo, me amo e me reconheço, determino novamente o sentido nascente, acretivo. Através de mim, acontece qualquer forma de milagre, qualquer forma de sucesso.”¹⁷ Através de mim acontece o ser e portanto me envero naquela ação, sou aquela ação.

A este ponto é movida a energia, a *divaμis*, a força no seu estágio primeiro, portanto uma capacidade à ação¹⁸. É neste momento que o monitor, o complexo, aquele mínimo de deslocamento, pode comprometer a *haecceitas* da ação. Se a consciência exprime a sua capacidade de estar junto¹⁹, acontece e acontece inevitavelmente realizando a ação e o acionante (aquele que coloca a ação em curso). Não há separação nisso, é por isso que, em caso de fracasso, se experimenta um “menos” de si²⁰.

No momento em que isso acontece, não apenas se envera o ato puro inicial, mas envera o próprio sujeito que permite que aconteça. “Ele não só comunica à criatura que é boa em

¹⁷ MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. op. cit. p. 28.

¹⁸ “Com o termo ‘energia’ entendo sublinhar a premência operativa, a atividade concreta, portanto a atividade psíquica como constituinte histórica da fenomenologia homem: energia como ecceidade do dado homem.” MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. op. cit. p. 139.

¹⁹ “Deriva do latim antigo, significa consaber o Ser, ou melhor, consaber onde o Ser faz ação.” MENEGHETTI, A. **A imagem alfabeto da energia**. op. cit. p. 232.

²⁰ “Objeto específico da psicoterapia em sentido ontopsiológico é verificar, identificar, recuperar a intencionalidade da ecceidade do Em Si, porque onde se intenciona o Em Si, lá e assim eu sou, lá e assim eu de venho e sou existência. Infelizmente nós primeiro acontecemos, primeiro somos e depois compreendemos. Prioritário é o Em Si da ação, secundário é o reflexo, o reconhecimento, o encontro, a percepção, a resposta. Nesse segundo momento se dá a consciência.” MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. op. cit. p. 140.

si, mas coloca esta dignidade como causa de bondade para com os outros”²¹. O proceder do momento objetivo externo é sim importante para o resultado imanente, mas ao mesmo tempo *comunicat creature quod sit in se bona*, a pessoa é ESO e portanto se percebe na sua bondade, é no bom de si. A evidência é tal que coloca a sua dignidade, a Ontopsicologia acrescenta a sua identidade²². “O ser quer a individuação, a individuação quer a si mesma e nisso atua o ser.”²³ A consequência direta é que sendo *quo est* (onde é) e *quod est* (isto é) de modo consequente e reflexivo ao ato puro, está exatamente no “seu” lugar e no “seu” projeto, isso o faz tornar-se causa “de bondade”, o faz ser causa de bondade para os outros. A harmonia de si é colocada no seu lugar e, portanto, se coloca na grande sinfonia da vida. Neste ponto as coisas acontecem facilmente, consequentes.

“A realização ou a felicidade estão na coincidência com o projeto já insito na nossa natureza individual. Quando eu coincido com esse projeto e sou função desse projeto, eu estou bem.”²⁴ Já Tomás de Aquino havia individuado esta passagem, mas não explicava o porquê dela. Distinguiu em dois movimentos tudo o que descrevemos: o *donum acceptum* (passivamente) e a *virtus communicandi*

(ativamente)²⁵. O Em Si ôntico, enquanto existente, recebe um presente, uma intuição, uma possibilidade de realização e está sob a forma de *donum*, portanto não é possível autoproduzi-lo. No mesmo movimento, porém, há o poder da comunicação e aquele está nas mãos de quem recebe. O *donum* é contínuo e abundante, mas se a *virtus*, o poder não está pronto, o movimento não se realiza. Daqui a extrema importância do miricismo cotidiano que permite àquela *virtus* que nos dá poder, o poder realizar a participação à própria vida.

A Ontopsicologia, por meio das descobertas do campo semântico e do monitor de deflexão, nos explica porque este movimento perfeito algumas vezes acontece, outras não. Atenção deve ser dada à *divaμis*, àquela energia que já está em ação e que se não chega à realização ou à realização errada, gera o problema. Já a energia é movida²⁶, a única solução (ficará evidente pelo sonho), se aqui e agora eu erro, é fazer *metanoia*, dar os passos da mudança.

Este artigo não pretende ser exaustivo, seria impossível em poucas linhas resumir um saber tão amplo, mas quer suscitar a curiosidade do leitor por meio de algumas passagens ontológicas basilares, para que possa ele mesmo investigar a própria interioridade. A investigação de mim, em alguma medida, é a investigação do todo. A comunicação ontológica, a possibilidade

²¹ “*non solum comunicat creature quod sit in se bona, set hanc dignitatem ut sit aliis causa bonitatis*” DOA (Utrum in creaturis sit ordo agendi) ra 1.

²² “Pessoa: uma eccieidade que é por si, um princípio que é por si, se motiva por si, age e reage conforme a si, em vantagem de si. Em um certo sentido repete o formulado do uno do ser na existência histórica das individuações, por isso é um significado altíssimo. Não existe significado maior em referência ao homem: é pessoa”. MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. op. cit. p. 161.

²³ MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. op. cit. p. 162.

²⁴ MENEGHETTI, A. **A crise do valor existencial no Isomaster (Parte 2)**. 2001. Vídeo inédito.

²⁵ RSR 1. Em nível ontológico, “*ex bonitate divina procedit quod ipse de perfectione sua creaturis communicet secundum earum proportionem; et ideo non solum intantum comunicat eis de sua bonitate [...], sed etiam ut aliis perfectionem largiantur; Deo quodammodo cooperando. Et hic est nobilissimus modus divinae imitationis*” (Tomás de Aquino, Breve principium, 9.2 co). A ideia é extraída de Dionísio, cf. Caelestis Hierarchia 3 e Ecclesiastica Hierarchia 5.

²⁶ A energia não se cria e não se destrói.

ontológica, dizem a grandeza da dignidade humana, qualquer redução é afastar-se desta possibilidade, é negar o próprio bem. Para compreender o homem não podemos partir do passado nem do futuro (evolução biológica, social, cultural), mas do presente. “*Anima est quodammodo omnia*”²⁷, o espírito do homem é, de algum modo, tudo. Tanto mais alguém é pessoa, é homem, quanto mais abraça e vive no instante presente tudo o que o precedeu e o circunda. Cada instante torna possível a cada um de nós dizer “eu” em verdade. Nenhum dado empírico que as neurociências e outras disciplinas exibem pode subtrair-se à comparação com o que eu sou, com a minha experiência elementar que tudo abraça: o passado, o presente e o futuro. Só uma razão científica aberta a colher todos os fatores do real é capaz de sustentar e realizar *quo est* (onde é) e *quod est* (isto é) o nexó ontológico, a possibilidade do uno em mim, para a livre manifestação do ser.

Referências

BONAVENTURAE, S. Collationes de decem praeceptis. In: **Opera Omnia**, vol. V. Florença: 1891.

BONAVENTURAE, S. Liber II. Sententiarum. In: **Opera theologica selecta**, vol. II. Florença: Ex Typographia Collegii S. Bonaventurae, 1938.

BONAVENTURAE, S. Breviloquium. In: **Opera theologica selecta**, vol. V. Florença: Ex Typographia Collegii S. Bonaventurae, 1964.

BONAVENTURAE, S. Liber II. Sententiarum. In: **Opera theologica selecta**, vol. V. Florença: Ex Typographia Collegii S. Bonaventurae, 1964.

ESPOSITO, C.; PORRO, P. “Quaestio” X [2007]. In: **La materia**. Brepols-Pagina, 2008.

MAGNO, A. De causis et processu universitatis. In: **Opera Omnia**, t. XVII, pars II. Münster: ed. W. Fauser, 1993.

MENEGHETTI, Antonio. **A imagem alfabeto da energia**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2016.

MENEGHETTI, Antonio. **O Em Si do homem**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, Antonio. **A crise do valor existencial no Isomaster (Parte 2)**. 2001. Vídeo inédito.

ORDINATIO o Opus Oxoniense. Texto revisado por Duns Scotus da **Lectura, livros 1 e 2**, verão 1300-1302, livros 3 e 4, 1303-1304.

²⁷ Suma Teológica, I, q. 14, a. 1; q. 16, a. 3.